

## O pároco e a banda

---

Sábado. Tarde adiantada.

Do lado de fora da igreja da aldeia está reunida a banda da corporação de bombeiros. Abelhas esvoaçam afanosamente pelas tílias em flor. De vez em quando, uma abelha extravía-se para dentro de um instrumento, embate no metal brilhante por um segundo e voa para longe com um zumbido assanhado.

A banda está aqui para dar um concerto. O som cruza com facilidade o ar calmo e os instrumentos ouvem-se distintamente de uma ponta à outra da pequena aldeia. Fora das suas casas, os camponeses sentam-se nos degraus da entrada, os mais prósperos em bancos. Escutam.

O maestro faz o sinal.

Os instrumentos respondem.

O som chega ao vicariato. No vicariato vive um velho pároco. Mantém-se afastado da política. Em vez disso colecciona plantas.

A música secular chega aos ouvidos do pároco.

Pega no bastão, sem o qual dificilmente se movimenta. Com lentidão, faz o caminho do vicariato à igreja. Abre o portal do átrio. Os gonzos velhos e ferrugentos rangem. Pára. Leva a mão ao ouvido.

Estão a tocar.

«Músicas seculares em frente da Casa de Deus! Aqueles inúteis...»

A banda continua a tocar.

«Já os ensino», rumina o bom do velho pároco. Então está perto do segundo portal, o que vai do átrio da igreja ao pequeno largo que lhe fica defronte. Vê a banda: seis bombeiros de capacete, com instrumentos de sopro. O chefe ostenta uma pluma no capacete. Como é evidente, gente nova precisa de exhibir-se.

«Biltres! Mas eu também já fui novo!» Recorda os tempos do seminário, quando costumava jogar basquetebol no átrio.

Mesmo assim, eles precisavam de uma desanda. Ao fim e ao cabo, música secular mesmo ao pé da igreja!

O odor da tília em flor é intenso. Durante as breves pausas na música, enquanto os bombeiros recuperam fôlego, ouve-se o zumbir das abelhas.

Uma grande onda de compreensão pelos homens e pelas suas fraquezas encheu o coração do pároco. Tinha vivido tanto, visto tanta coisa... Não devemos nós ser tolerantes para com os adventos dos nossos semelhantes? O sofrimento em que os homens nascem e morrem não é já compensação bastante para tais insignificantes travessuras?

«Todavia, eles não deviam estar a fazer aquilo. Como podem...?»

Ainda está um tanto zangado.

O portal range. Os bombeiros olham em

volta e param de tocar. O pároco aproxima-se. O cabelo prateado. Apoia-se ao bastão. Eles curvam-se reverentemente. Detêm-se e, esticando o dedo para eles, diz: «Mau, mau...» Mas há um sorriso nos seus olhos azuis quando retorna ao jardim do vicariato.

Os bombeiros continuam a tocar.